

Parceria entre China e Rússia mira desafios de segurança regionais

China afirma que esse é o motivo das polêmicas patrulhas com bombardeiros russos

Por Victoria Damasceno
(Folhapress)

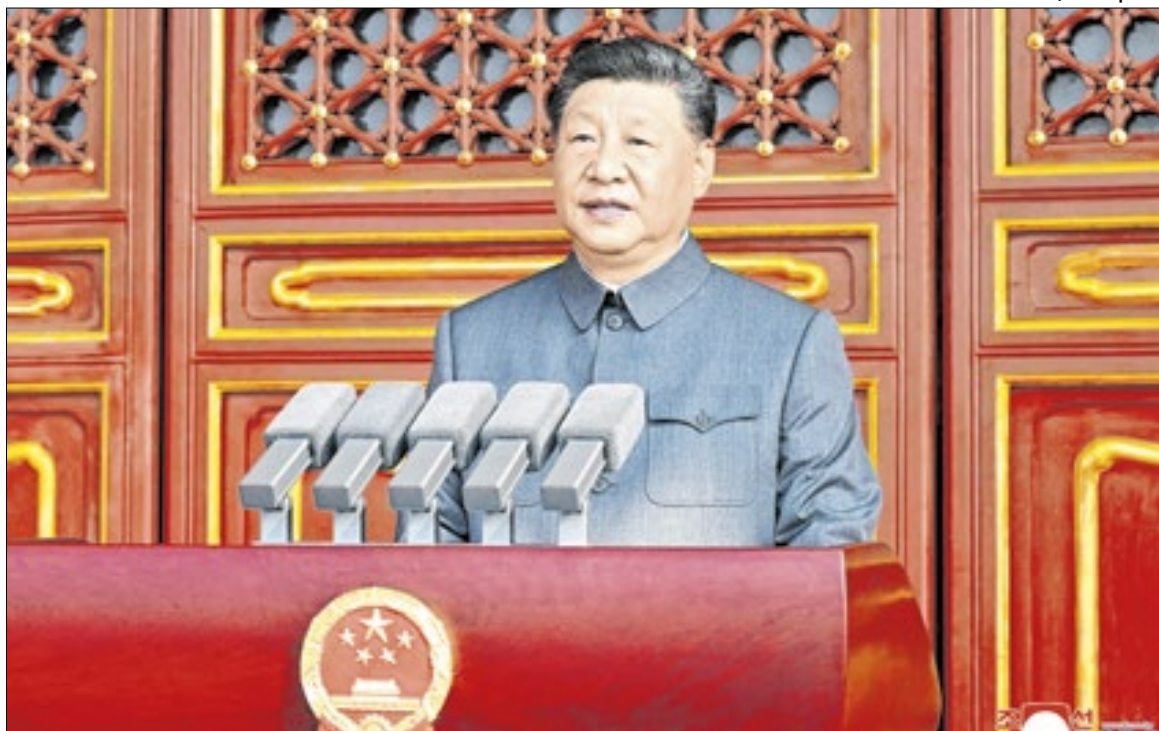
O Ministério da Defesa da China afirmou que o exercício com bombardeiros russos e chineses ocorrido na última terça-feira (9) demonstra a determinação dos países em enfrentar “desafios de segurança regionais”.

O exercício militar, que envolveu onze aeronaves russas e chinesas, ocorreu próximo às ilhas de Okinawa e Miyako, no sul do Japão, e também sobre o mar do Japão, em um momento em que Tóquio vive uma das piores crises diplomáticas com Pequim nos últimos anos.

“Esta patrulha aérea estratégica conjunta faz parte do plano anual de cooperação e demonstra a determinação e a capacidade de ambos os lados em enfrentar conjuntamente os desafios de segurança regional e manter a paz e a estabilidade na região”, declarou o porta-voz do Ministério da Defesa, Zhang Xiaogang, em entrevista coletiva nesta quarta-feira (10).

Segundo o Ministério da Defesa do Japão, caças japoneses acompanharam a patrulha, que realizou um voo de longa distância.

Os bombardeiros russos Tu-95, com capacidade nuclear, encontraram-se no mar do Japão e seguiram em direção ao mar da China Oriental, onde se juntaram a dois bombardeiros chineses H-6, capa-



Reuters/Folhapress

Exercícios militares chineses vêm despertando a tensão geopolítica no continente asiático

zes de transportar mísseis de longo alcance, dando início à patrulha em direção ao Pacífico. Quatro caças chineses J-16 se juntaram a eles.

A pasta japonesa diz ainda que identificou, no mar do Japão, uma aeronave russa de alerta e controle antecipado A-50, capaz de rastrear e detectar alvos a longas distâncias, e dois caças Su-30.

Em uma publicação no X, o ministro da Defesa do Japão, Shinjiro Koizumi, escreveu que o exercício militar tem o objetivo claro de demonstração de força.

“Os repetidos voos conjuntos

de bombardeiros dos dois países significam uma expansão e intensificação de suas atividades em torno do Japão e são uma clara indicação de demonstração contra o nosso país, o que representa uma séria preocupação para a nossa segurança nacional”, afirmou.

O Ministério da Defesa da Coreia do Sul também afirmou ter mobilizado caças para responder à entrada e saída de aeronaves chinesas e russas na Zona de Identificação de Defesa Aérea do país (Adiz, na sigla em inglês).

A crise na região se intensificou

no início de novembro, quando a primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi, ao responder a um parlamentar da oposição sobre em que situações acionaria as chamadas Forças de Autodefesa do país, citou como exemplo um possível bloqueio naval chinês envolvendo o uso de navios de guerra na região de Taiwan. Na avaliação da governante, um cenário desse tipo poderia exigir que Tóquio se envolvesse para defender os Estados Unidos, seu principal aliado de segurança.

Nas últimas semanas, a China tem realizado uma série de exercí-

cios militares que também são lidos pelas autoridades japonesas como demonstração de força. Nesta semana, Tóquio acusou Pequim de apontar radares de direção de tiro para rastrear aeronaves militares japonesas perto de Okinawa, um gesto classificado como hostil na política internacional. Iluminar um alvo com um radar é entendido como o passo anterior a um eventual ataque.

Segundo a agência Reuters, citando fontes anônimas e relatórios de inteligência, Pequim também mobilizou um número inédito de navios militares e da guarda costeira em águas do leste da Ásia, chegando a ultrapassar a marca de 100 embarcações em determinado momento.

Desde o início da crise, a China já emitiu uma série de protestos formais ao vizinho exigindo uma retratação da governante japonesa, que não recuou.

As ações chinesas começam também a afetar a economia japonesa, uma vez que Pequim suspendeu a importação de frutos do mar japoneses e desencorajou seus cidadãos a viajar ao país vizinho. As orientações já se refletem em cancelamentos de passagens e na redução de rotas aéreas entre Japão e China.

Em 2024, cidadãos da China continental representaram 18,9% dos turistas do país, de acordo com dados da Organização Nacional de Turismo do Japão (JNTO, na sigla em inglês).

Trump pressiona e Zelenski admite eleição com lei marcial

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, admitiu pela primeira vez que pode convocar eleições gerais no país mesmo com a lei marcial a que seu país está submetido desde a invasão russa de 2022, mas exigiu garantias de segurança dos Estados Unidos e aliados ocidentais para isso.

O ucraniano está sob intensa pressão dos Estados Unidos para fazer concessões territoriais à Rússia e chegar a uma trégua no conflito. Em entrevista nesta terça-feira (9), o presidente Donald Trump voltou a criticar a posição legal de Zelenski, cujo mandato terminou em maio de 2024.

“Eles não têm uma eleição há muito tempo”, disse. “Sabe, eles falam sobre democracia, mas chega um ponto em que já não é mais uma democracia”, completou o americano, que no começo

do ano chamou Zelenski de “ditador sem eleições”.

É um ponto de pressão dos russos, com o presidente Vladimir Putin levantando a questão da legitimidade de Zelenski sempre que pode. A Constituição da Ucrânia, contudo, não permite pleitos durante lei marcial.

O ucraniano disse que pedirá ao Parlamento para encaminhar uma saída legal para que isso ocorra de 60 a 90 dias, mas apenas se houver as tais garantias de segurança de estrangeiros. Não ficou claro se ele contempla a realização com a guerra ou algum tipo de trégua.

Na prática, ele quer com isso forçar Trump a se comprometer com o tema de forma mais ampla, algo que até aqui o americano não fez. Kiev quer a presença de tropas ocidentais, a adesão à Otan ou algum mecanismo equivalente a isso



Reuters/Folhapress

Presidente ucraniano começa a ceder à pressão americana

em termos de proteção caso haja um cessar-fogo, visando dissuadir os russos de voltar a atacar.

Putin já rejeitou quaisquer opções que não incluam a neutralidade militar do vizinho, e chegou a dizer que a própria Rússia daria garantias ao lado dos ocidentais, uma proposta algo kafkiana que chegou a avançar nas negociações abortada em 2022.

Zelenski está acuado militarmente e politicamente, com um escândalo de corrupção tendo derrubado nomes importantes de seu governo. No caso de An-

drii Iermak, o chefe de gabinete, a perda foi irreparável: ele era visto como o operador do presidente e estava à frente da revisão da proposta de paz que Trump apresentou como um prato feito cheio de ingredientes ao gosto do Kremlin, no fim de novembro.

Iermak chegou a participar da primeira reunião para revisar os termos do acordo, que foram de todo modo rejeitados pela Rússia, mas agora o ex-ministro da Defesa Rustem Umerov está a cargo do trabalho. Ele passou o fim de semana com negocia-

dores americanos em Miami, mas não há uma saída clara.

Isso passou a pressão para o lado de Zelenski, após Putin endurecer com os enviados de Trump no Kremlin e rejeitar quaisquer concessões sobre suas demandas: conquista territorial e neutralidade militar de Kiev à frente.

No fim de semana, Trump disse estar “um pouco decepcionado” com Zelenski, ignorando que Putin não cedeu igualmente. Na segunda (8), após encontrar-se para pedir ajuda dos aliados europeus, o ucraniano voltou a dizer que não poderia ceder território aos russos.

Segundo o jornal britânico Financial Times, o republicano quer uma resposta nos próximos dias. Depois de uma visita à Itália, onde encontrou-se nesta com terça o papa Leão 14 e com a premiê Giorgia Meloni, Zelenski disse que “está pronto para uma trégua se os russos quiserem” e disse que os ataques ao sistema energético são prova de que isso vai ocorrer. Ele também afirma que quer discutir “em alto nível”, ou seja, com Trump, “nas próximas duas semanas”.

Por Igor Gielow (Folhapress)